

...mas sua mãe se lembra mas, sempre
longa). O Camilo está a partir e f
perguntando-lhe o que se passou
hoje, porém, vejo que a mulher
e suas memórias acendem sua mem
branças, mas ela tem família.
Seu nome é Sofia, e o filho
deu na Inglaterra, e eu me fo
como para mim, e eu me fo
mas, talvez, não seja possível
em todo o mundo, talvez. O

Ana Miranda

Dias & Dias

R o m a n c e

21ª reimpressão



COMPANHIA DAS LETRAS

A utópia da saudade

13

Um sabão na gaiola

55

Ficções do ideal

87

A Balaiada

105

A mimosa leviana

123

Camelos no Ceará

157

Dinacional sempre vence

181

Anjo de asas cortadas

201

Uma tempestade no horizonte

229

Epílogo

235

Notas

239

Logo que soube da chegada de Antonio no dia 3 de novembro, no *Ville de Boulogne*, viajei para São Luís e aqui estou, esperando no embarcadouro a chegada do velho brigue francês que partiu do Le Havre, e há dias e dias sinto o meu coração como um sabiá na gaiola com a porta aberta, tenho vontade de girar, girar até ficar tonta e cair no chão, como eu fazia quando era menina. Trago nas minhas mãos os versos que Antonio escreveu para meus olhos, quantos anos, mesmo, tínhamos? eu doze, e ele treze, pois isso se deu em 1836. A poesia fala em olhos verdes, e naquele momento, quando a li pela primeira vez, acreditei que fossem os meus olhos, mas meus olhos não chegam a ser verdes, têm mais a cor da folha quase seca da palmeira, ou talvez a cor da água da baía de São Marcos, uma água suja de lama e areia dos moventes baixios, revolvida pelas dimensões da lua, pelo percorrer incessante dos saiveiros de pesca, esta água que agora vejo ao sol da manhã.

Verdes equívocos

Maria Luíza acha que os versos aos olhos verdes não foram escritos para mim, porque meus olhos não são verdes, e que Antonio jamais se apaixonaria por mim, embora tenha se apaixonado por centenas de moças e mulheres e senhoras e viúvas, nem mesmo me amaria como alguma preciosa recordação de sua infância, Antonio não poderia amar alguém como eu, nem deve lembrar-se de mim, diz Maria Luíza, que o conhece melhor do que eu, ao menos ela acha assim, e quando Maria Luíza diz algo sobre Antonio é preciso se levar em conta porque ela lê as cartas que Antonio escreve para Alexandre Teófilo que é com certeza o melhor amigo de Antonio e seu confidente, Maria Luíza até mesmo mostra-me as cartas de Antonio a Alexandre Teófilo, e essas cartas são verdadeiros relatórios da vida de Antonio, muito sinceros, os homens costumam abrir seu coração aos outros homens de uma forma como nunca o fazem para as mulheres, e Antonio confessa a Alexandre Teófilo coisas que jamais confessaria a outra pessoa, como: *É preciso amar a muitas para não doudejar por nenhuma*, falando das mulheres, ou: *É preciso não o dizer nem a ela nem a ninguém, para não converter a brincadeira em enterramento*, medroso do amor, coisas que me fazem febre. Maria Luíza acha que eu seria para Antonio uma espécie de areia movediça que o poderia condenar a uma obscura vida

provinciana, e cortaria suas asas de poeta, Antonio necessitava mesmo era de uma condessa que lhe oferecesse jantares onde pudesse brilhar com suas frases espirituosas diante dos ministros e dos generais, dos embaixadores e das cortesãs, diante do imperador e de outros poetas, pessoas que o pusessem nos cornos da lua, afinal, para que diabos uma pessoa estuda tanto? disse Maria Luíza. Ele era louvado como poeta, apreciava no momento, mas depois lhe vinha uma ideia de o quanto tudo aquilo era vazio e que ele não passava de uma curiosidade, a alma perdida e envolta em neblina, balouçada em castelos de nuvens.